



UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI - UNIVATES
CURSO DE LETRAS

**A REPRESENTATIVIDADE E A REPRESENTAÇÃO DA PERSONAGEM NEGRA
EM OBRAS LITERÁRIAS INFANTIS DISTRIBUÍDAS PELO MEC ATRAVÉS DO
PROGRAMA NACIONAL BIBLIOTECA DA ESCOLA (PNBE)**

Daiane Cristina Appel

Lajeado, junho de 2018



UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI - UNIVATES
CURSO DE LETRAS

**A REPRESENTATIVIDADE E A REPRESENTAÇÃO DA PERSONAGEM NEGRA
EM OBRAS LITERÁRIAS INFANTIS DISTRIBUÍDAS PELO MEC ATRAVÉS DO
PROGRAMA NACIONAL BIBLIOTECA DA ESCOLA (PNBE)**

Daiane Cristina Appel

Trabalho apresentado na disciplina
Trabalho de Conclusão de Curso II,
do Curso de Licenciatura em Letras,
como exigência para obtenção de
nota parcial.

Lajeado, junho de 2018

A REPRESENTATIVIDADE E A REPRESENTAÇÃO DA PERSONAGEM NEGRA EM OBRAS LITERÁRIAS INFANTIS DISTRIBUÍDAS PELO MEC ATRAVÉS DO PROGRAMA NACIONAL BIBLIOTECA DA ESCOLA (PNBE)

Daiane Cristina Appel¹

Rosiene Almeida Souza Haetinger²

Resumo: O presente artigo apresenta um estudo acerca da representação e da representatividade da personagem negra na literatura infantil, fazendo, para tanto, uma análise dos livros infantis distribuídos pelo MEC, mais precisamente em obras disponibilizadas às escolas pelo PNBE (Programa Nacional Biblioteca da Escola), desde o ano de 2010 até 2014, na Categoria 3 (anos iniciais). Na análise procurou-se verificar se há obras com a presença da personagem negra e como ela está figurada dentro destas por meio do texto e das ilustrações. A partir dessa pesquisa e análise, oportunizou-se uma oficina sobre o tema do presente artigo a profissionais da educação de uma escola pública no intuito de refletir acerca da importância do uso de livros que tenham personagens negras em sala de aula. Na oficina, os educadores puderam perceber que nos livros utilizados a presença do negro vinha representada por uma cultura, pela falta de interação com outras personagens brancas ou, ainda, acompanhada da pobreza. A partir da pesquisa e dos resultados da oficina, conclui-se que das obras distribuídas, poucas têm a representatividade da personagem negra e menos ainda sua representação.

Palavras-chave: negro; representatividade; literatura infantil; PNBE.

Abstract: The present article presents a study about the representation and representativeness of black characters in children's literature, carrying out, therefore, an analysis of the children's books distributed by MEC, more precisely in works made available to schools by PNBE (National Program for School Library), from the year 2010 to 2014, in Category 3 (initial years). In the analysis, we sought to verify if there are works with the presence of black characters and how they are represented in these by means of the text and the illustrations. From this research and analysis, a workshop on the subject of this article was offered to professionals of education of a public school in order to reflect on the importance of using books that have black characters in the classroom. In the workshop, the educators could see that, in the books used, the presence of black people was represented by a culture, by the lack of interaction with other white characters or even accompanied by poverty. From the research and the results of the workshop, we conclude that, of the works distributed, few have the representation of black characters and still fewer, their representation.

Keywords: black people; representativeness; children's literature; PNBE.

¹Univates – Universidade do Vale do Taquari, Letras, *daiane.appel@gmail.com*

²Mestre em Literatura Comparada pela UFRGS, *rosiene@univates.br*

Introdução

O presente trabalho busca, primeiramente, preconizar os ideais dos direitos humanos através do contato com a literatura. Convivemos em sociedade e esta, muitas vezes, induz-nos a conservar ou reiterar certos “pré-conceitos”. A história nos mostra o quanto podemos ser perversos a ponto de acharmo-nos donos de pessoas apenas por sua cor ser diferente.

Na época do período escravista, os “brancos” legitimaram suas ações por esse motivo, por acharem que os negros não eram pessoas como eles e, portanto, não teriam os mesmos direitos. Dizer que um negro tinha direito a um bom tratamento era assemelhar-se a eles, e isto estava longe de seus intuitos. Ao longo do tempo, felizmente, essa situação foi modificando-se, melhorando. Atualmente, todos, independentemente de qualquer cultura, têm garantido por lei seus direitos, mesmo que estes nem sempre se façam possíveis. Entretanto, apesar do que diz a lei, percebe-se que a sociedade ainda tem muito a caminhar em relação a uma erradicação da herança preconceituosa dos anos de escravidão: o racismo, que, no Brasil, muitas vezes, é velado.

No âmbito da literatura não é muito diferente. Por retratar contextos em que são inseridos, os livros denotam esse preconceito tanto no tema da obra como em autores. Machado de Assis, por exemplo, foi um renomado autor do Realismo, representado como branco em diversas ilustrações. Porém, embora suas fotos sejam em preto e branco, sabemos que ele era negro. Seria um erro? Ou as pessoas não acreditavam que naquela época um escritor que acumulou fama poderia ser negro?

Por conta de tais constatações, resolveu-se analisar com que tipo de obras as crianças estão tendo contato, de modo que as façam pensar de modo diferente em relação à sociedade e às pessoas que fazem parte dela. Para tanto, o objetivo foi buscar livros que trouxessem a personagem negra como participante de uma história e para isso recorreu-se às vias governamentais de distribuição de livros infantis nas escolas públicas.

Com isso, o intuito deste trabalho é mostrar como o negro é representado, como é mostrado em obras literárias infantis selecionadas pelo MEC, através do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), e distribuídas às escolas públicas entre os anos de 2010 a 2014. Também ministrou-se uma oficina a professores da educação infantil e séries iniciais a fim de repensar o trabalho com a questão da

negritude usando essas obras dentro da sala de aula. É importante perceber como a discussão se torna significativa no âmbito escolar, levando em conta que ali é um dos principais espaços em que os alunos desenvolvem a sua cidadania.

A personagem negra e a literatura

Quando fala-se em representatividade do negro é impossível não nos depararmos com a época da escravidão. A escravidão, o preconceito, a concepção de que negros não eram seres humanos provinham de brancos, donos de terras. Esses brancos provavelmente não eram a maioria, mas detinham o poder monetário, e, em épocas que não havia leis em relação ao racismo, faziam o que e como queriam. Fanon (2008, p.182) traz uma declaração quanto a isto: “o preto é um escravo a quem se permitiu adotar uma atitude de senhor. O branco é um senhor que permitiu a seus escravos comer na sua mesa”.

Fanon traz em sua obra muitos relatos particulares sobre como sua negritude influenciou em sua vida e, inevitavelmente, na de outros negros. Ele comenta como esta questão afeta a fala das pessoas quando se referem a ele: “Quando me amam, dizem que o fazem apesar da minha cor. Quando me detestam, acrescentam que não é pela minha cor... Aqui ou ali, sou prisioneiro do círculo infernal” (FANON, 2008, p.109).

Infelizmente, esta estereotipação passou gerações sem quase nenhuma mudança. Para Brookshaw (1983), o jeito como brancos veem o negro advém de histórias contadas na infância em que o negro era associado ao mal, que era aquele que o praticava e, muitas vezes, era associado a demônios.

A ontologia, quando se admitir de uma vez por todas que ela deixa de lado a existência, não nos permite compreender o ser do negro. Pois o negro não tem mais de ser negro, mas sê-lo diante do branco. Alguns meterão na cabeça que devem nos lembrar que a situação tem um duplo sentido. Respondemos que não é verdade. Aos olhos do branco, o negro não tem resistência ontológica. De um dia para o outro, os pretos tiveram de se situar diante de dois sistemas de referência. Sua metafísica ou, menos pretenciosamente, seus costumes e instâncias de referência foram abolidos porque estavam em contradição com uma civilização que não conheciam e que lhes foi imposta. (FANON, 2008, p.104)

Nessa citação de Fanon, explicita-se que o negro só é denominado como diferente em função da existência de outros que o colocam dessa maneira. Se não houvesse brancos, negros não seriam assim chamados. Do mesmo modo, como os

negros ficaram em uma sociedade que não foi criada por eles, embora tenha sido erguida pelos mesmos, suas referências não eram as mesmas da sociedade, sua cultura não condizia com a vigência.

A partir da história que os negros carregam, ao longo dos tempos sua figura foi associada a coisas ruins. Até hoje fala-se em expressões como “a situação ficou preta”, sendo algo que ficou ruim, complicado. Carregamos esses estereótipos e muitas vezes nem percebemos o grau de preconceito que trazem consigo:

A associação da cor preta com maldade e feiúra, e da cor branca com bondade e beleza remonta à tradição bíblica, resultando daí que o simbolismo do branco e preto constitui parte intrincada da cultura europeia, permanecendo em seu folclore e em seu patrimônio literário e artístico. (BROOKSHAW, 1983, p.12)

Adentrando na literatura, que se considera como, além de uma manifestação artística, um registro cultural e social através dos tempos, o caso não é diferente:

Em nenhuma outra parte dos domínios da cultura brasileira a fusão do simbolismo da cor e do preconceito racial torna-se mais evidente do que nas histórias populares, particularmente naquelas histórias infantis cujos narradores mais versáteis amiúde eram, ironicamente, negros eles próprios. Tais histórias, não se pode duvidar, sedimentaram-se na mentalidade adulta para formar um fator sempre presente no subconsciente, contrastando com a pretensa ausência de racismo conseguida através da educação ou da subserviência à propaganda nacionalista. (BROOKSHAW, 1983, p.13)

Não teria como, em uma sociedade escravista, falar dos negros em obras literárias sem mostrá-los tal como era considerado na realidade. Como a partir das histórias populares surgem as histórias infantis, nelas o negro aparecia como representante do mal, das coisas ruins que aconteciam. Não obstante, por meio dessas histórias, temos até hoje um racismo impregnado, mas que pode ser reduzido através da conscientização e da educação.

Pensando nas obras infantis que vemos atualmente, é impossível não lembrar das princesas que sempre aparecem como brancas, com olhos claros e que acabam sempre com um príncipe que, pasmem, é branco também. Conforme Cardoso (2011), não seria sobre uma não identificação da criança negra no conto de fadas, mas “[...] que os critérios de beleza e de bondade sempre estiveram fora do meu alcance, tendo em vista que, nas obras tipificadas, o bom é condicionado pelo belo, e o belo não tinha minha cor”. Ou seja, não seria apenas uma não

representação do negro, mas também uma grande particularização do que o branco pode ser e o negro não.

Apresentar o negro como personagem em uma história é de fundamental importância não só para sua representatividade, mas também para que o negro possa se ver como um ser social, não incluso, mas participante. Além disso, “Se, por um lado, para a criança negra, essa mudança pode contribuir para a autoestima e o seu reconhecimento no mundo, para a branca pode ser o espaço de reconhecimento da diversidade étnica” (CARDOSO, 2011). Pensando ainda em reconhecimento, Cardoso (2011) revela:

Reconhecer-se como negro é assumir a pobreza, estabelecer um cheiro, uma cor e um lugar. Essa impressão vem estranhamente reforçada na ausência: não se diz que preto é feio, mas ele também não aparece em história alguma para provar que é uma beleza possível. (CARDOSO, 2011)

Portanto, percebe-se que a não participação do negro na literatura, ou pior, sua participação sem protagonismo e sem identidade própria, visa transpor a realidade. Aceita-se que a personagem negra assim descrita é a pessoa negra na sociedade, sempre renegada e com seu passado marcado em sua pele.

O preconceito existe, sabe-se. Ser negro é levar consigo esses pré-conceitos em todos os momentos da vida. Em sala de aula, não poderia ser diferente. Os alunos, normalmente, vivem um contexto diferente na escola do que fora dela. Porém, é dever daquela instituição atuar para a construção da cidadania. Um professor, os colegas, a escola, têm forte influência na formação das crianças, por isso devemos, desde cedo, mudar certas concepções. Na sala de aula, não há dúvida que a literatura, por sua subjetividade, é um meio de debater esse assunto e, quem sabe, mudar o rumo dessa história.

Representação, representatividade e diversidade

O título deste artigo fala sobre representatividade e representação, termos esses que se complementam. A representatividade entende-se pelo que vemos, o palpável, e a representação trata de algo a mais, de se ver representado e de como isto é feito em determinado meio, se há uma presença real de representatividade e não de idealização de uma cultura. Esta é a ideia utilizada para análise neste artigo, pois, além de contabilizar a presença da personagem negra nas obras, também

intenta-se perceber como esta presença está descrita, qual a sua importância naquela história.

Segundo dados do IBGE de 2014, o negro é a maioria da população brasileira (cerca de 53,6%), mostrando, assim, que o uso de obras que apresentam as personagens negras é imprescindível em um país como o nosso. Mesmo que nem todas as obras distribuídas nas escolas públicas brasileiras sejam de autores desta nacionalidade, quem faz a escolha e estabelece os critérios de distribuição é o governo brasileiro, que deveria, obviamente, levar em conta tais números apresentados.

Conforme Sodré (1999, p.15), “A percepção da diversidade vai além do mero registro da variedade das aparências, pois o olhar, ao mesmo tempo em que percebe, atribui um valor e, claro, determinada orientação de conduta”. Ou seja, incitar o uso de obras que tragam personagens negras é, além de registrar sua presença no mundo, atribuir importância e significação. Aceitar a diversidade não só como as diferenças de cor da pele, mas também como tudo o que nos diferencia como pessoas deveria ser o objetivo de todos.

A importância da literatura como meio para uma mudança social

O primeiro leitor de um livro infantil, como explica Debus (2017), não é a criança, mas sim os adultos presentes na vida dela, sejam os pais, avós ou professores. Sendo assim, porque optar pela leitura de livros que apresentam personagens negras? Qual a diferença efetiva que isto fará?

Após todo o aparato teórico trazido neste trabalho, pode-se perceber que o texto da literatura infantil, assim como sua ilustração, é o primeiro contato social da criança com o mundo que ela ainda não conheceu. Se for apresentado apenas obras com personagens brancas, de classe social acima da média e que, na grande parte das vezes, encontra com príncipes brancos, estas crianças reconhecerão essa representação como real em sua vida. Constata-se isso não só em questões de narrativa, mas também nas ilustrações que, na maioria das vezes, não trazem qualquer personagem que não o branco. Levando em conta a porcentagem de negros no Brasil, torna-se fora de nossa cultura uma história se passar em algum meio social sem a presença de uma personagem negra.

Quando uma criança tem a tarefa de pintar ou desenhar uma menina ou menino, normalmente o faz com a pele clara, olhos claros e cabelo loiro ou

castanho. Isto acontece porque elas representam o que veem, o que lhes é apresentado. Por isso, e por mais que algumas crianças convivam pouco com outras crianças negras, o uso da literatura como meio de mudança social se faz de suma importância.

[...] a literatura infantil e juvenil não tem, por tradição, levantar em sua construção temas polêmicos, como desigualdade social, relações de gênero, preconceito racial. Problematizar esses temas, por certo, exige um “lidar” com a linguagem que leve em conta esses interlocutores, sem cair em pragmatismos ou engajamentos políticos, desfazendo a preocupação com a estética. Em sua grande maioria, as narrativas para a pequena infância são tecidas no plano do maravilhoso, com reinos encantatórios e seres imaginários. (DEBUS, 2017, p.79)

Claro que, como afirma Debus, a literatura infantil não tem como preceito a moralização das crianças, mas, por mais que haja o plano do maravilhoso e isso esteja fora da realidade, existirem apenas princesas brancas também está. A aceitação da criança em seu meio depende da existência do maravilhoso em sua vida, e são nos contos que começam seus sonhos e aspirações. Mas o que fazer quando os contos não apresentam, sequer, a cor da pele da criança? Como sonhar em ser princesa quando as que são vistas são sempre brancas do cabelo loiro e olho azul?

Para que as narrativas que apresentam temas polêmicos ganhem sua real dimensão, seria importante que os adultos que medeiam a leitura literária reconheçam a importância de valorizar a pluralidade de temáticas e levem em conta que a linguagem literária, pelo seu pacto de funcionalidade, pode levar o leitor a construir horizontes mais amplos. (DEBUS, 2017, p.93)

Em específico sobre a literatura infantil, a temática se torna mais importante, pois trata do modo como as crianças enxergam e lidam com o mundo ao seu redor. Para isso, é necessário que os adultos, que escolhem e distribuem as obras às crianças, saibam desta importância.

O uso de livros infantis que apresentem personagens negras é de suma importância, principalmente quando há personagens negras visíveis na ilustração, não sendo necessário sua descrição física na obra.

[...] na atualidade, a ilustração tem papel intrínseco nas publicações e é lida também como narrativa, fato que ganha proporções maiores quando se traz para a cena os livros de imagens. A relação entre o signo icônico e o verbal nesse tipo de produção é tão estreita que tem acompanhado os critérios de escolhas dos livros [...] (DEBUS, 2017, p.28)

A ilustração é, inicialmente, o que chama a atenção da criança na hora de escolher um livro. Fazer uso deste conceito básico para fazê-la entender como há personagens de todos os tipos é fundamental. Deve-se apresentar príncipes e princesas de todas as formas e cores, para que no futuro as pessoas não pareçam fora de algum conceito criado pela sociedade.

A lei e suas disposições

Há hoje nas escolas públicas e privadas a obrigatoriedade do uso da Lei nº 10639/03, que trata sobre o ensino da história e cultura afro-brasileira, tornando ainda mais importante um estudo em torno do tema e de metodologias para abordá-lo. Interessante pensar que deve-se ter uma lei para que isso se torne realidade em sala de aula, como se já não devesse fazer parte dela.

Com a criação da Lei 10.639/2003, a história da África e da cultura afro-brasileira foi incluída no currículo da Educação Básica, o que multiplicou a publicação de livros voltados para questões étnico-raciais. Acredita-se que leitura e discussão de livros que tragam histórias, poemas, crônicas, peças de teatro favoreçam - e favorece mesmo - o desenvolvimento, no Brasil, de uma sociedade que, desmontando preconceitos e desconstruindo intolerâncias, assuma sua identidade multi-étnica, orgulhando-se dela. (DEBUS, 2017, p.13)

Como cita Debus, a Lei trouxe mais reconhecimento étnico e racial pois, em tese, proporciona mais publicações voltadas para o meio. No papel, a Lei é uma ótima oportunidade para o aumento deste nicho literário de apresentação de mais personagens negras, já que possibilita a distribuição por meios governamentais de maiores quantidades de livros infantis voltados à representação da cultura afro-brasileira.

Mas, como se vê posteriormente no trabalho, mesmo depois de 15 anos de aprovação da Lei supracitada, não há muitas obras que tragam tal temática e muito menos que representam o negro como ser constituinte da sociedade. Portanto, temos uma Lei que oportuniza o contato dos alunos com a cultura africana, mas quase não temos obras para utilizar e, ainda, temos a questão da representação do negro limitado a um indivíduo que carrega uma cultura e apenas desempenha o papel de “ser africano”, por exemplo.

As exigências da Lei 10.639/2003 culminaram com o florescimento de um nicho mercadológico a partir da necessidade de livros que tematizem e

problematizem as questões étnico-raciais, por meio da representação de personagens negros como protagonistas e narrativas que focalizem o continente africano como múltiplo; desfazendo ideias enraizadas como aquelas que trazem os personagens negros em papéis de submissão e/ou retratando o período escravista, bem como a representação do continente africano pelo viés do exótico. (DEBUS, 2017, p.37)

Fala-se muito em oferecer formação continuada aos professores com o intuito de evoluir e atualizar sempre a prática pedagógica, o que, na verdade, é um dos problemas na aplicação da Lei. Mas não percebe-se muito a oferta de alguma formação, oficina ou reflexão nas escolas para que a referida Lei possa ser posta em prática. O que se vê é que pede-se aos professores que façam algo em relação às questões da cultura afro e que registrem em seus cadernos de chamada, denotando que, como é obrigatório, isto foi trabalhado, entretanto, a abordagem e a qualidade parecem não ser relevantes.

A aplicabilidade da Lei não está clara. Mandar fazer algo não dá garantia de eficiência e aprendizado. Deveria-se ter sugestões, tempo para planejamentos, projetos voltados para este conteúdo, assim como alguém que tenha conhecimento sobre o tema, que vá até as escolas e proporcione questionamentos, inquietando os professores para que se inicie uma pesquisa e se obtenha um maior conhecimento.

Quando uma lei de tal magnitude é criada, espera-se que haja um suporte prático e teórico para que sua aplicabilidade seja efetiva, senão, torna-se algo inútil.

A iniciativa PNBE

A proposta aqui apresentada é uma análise da literatura infantil por meio de livros distribuídos pelo MEC a partir do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), na Categoria 3 (anos iniciais do ensino fundamental), de 2010 a 2014. Sobre esse programa, o próprio MEC esclarece:

O Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), desenvolvido desde 1997, tem o objetivo de promover o acesso à cultura e o incentivo à leitura nos alunos e professores por meio da distribuição de acervos de obras de literatura, de pesquisa e de referência. O atendimento é feito de forma alternada: ou são contempladas as escolas de educação infantil, de ensino fundamental (anos iniciais) e de educação de jovens e adultos, ou são atendidas as escolas de ensino fundamental (anos finais) e de ensino médio. Hoje, o programa atende de forma universal e gratuita todas as escolas públicas de educação básica cadastradas no Censo Escolar. (MEC, 2017, texto digital)

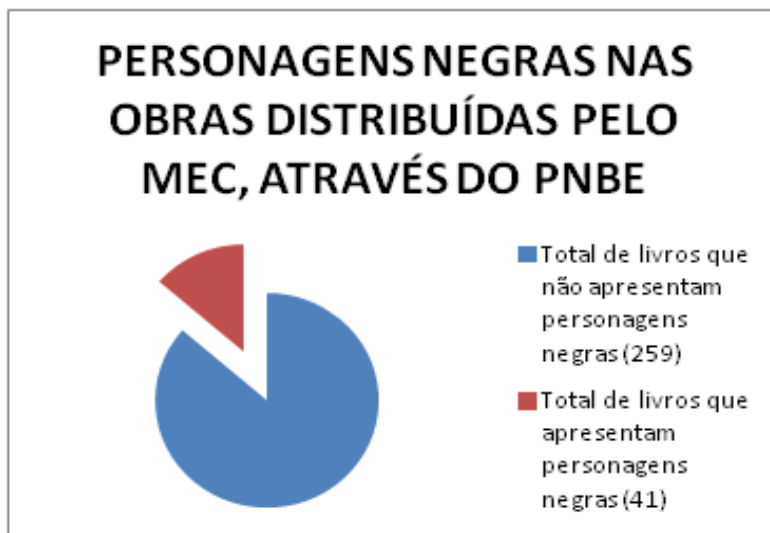
A escolha da categoria *anos iniciais* se deu, primeiramente, pelo interesse da autora nesta faixa etária e pelo intuito de futuramente ingressar na área de pedagogia. Também percebeu-se como este assunto é pouco ou nada abordado em sala de aula, fazendo com que não haja discussões sobre o tema, apesar do que versa a Lei nº 10639/03. Muitas vezes esses livros ficam em caixas fechadas nas bibliotecas, e os docentes não tomam conhecimento das obras. Ainda, mesmo acessando os livros, poucos professores percebem nas obras que chegam do governo o seu potencial para debates e análises em questões que abrangem a cultura afro-brasileira.

Os anos de distribuição das obras analisadas foram escolhidos por serem os únicos que são apresentados no site do MEC na categoria 3. Durante a pesquisa para o presente artigo, percebeu-se que o governo já não distribuía nenhum livro para as escolas desde o ano de 2014. A iniciativa do PNBE, que estava descontinuada, extinguiu-se no mês de julho de 2017. Conforme nota publicada pelo site G1³, o MEC pensa em incrementar uma medida ao Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) para disponibilizar também obras literárias, apesar de, até o término do presente trabalho, não terem divulgado nenhum orçamento ou detalhes sobre o plano.

Expondo a realidade

Para que se pudesse discutir com mais especificidade sobre o assunto, foi realizada uma pesquisa de cunho quantitativo em relação às obras que foram distribuídas de 2010 a 2014. Dentro deste tempo, conforme disponível no site do MEC que corresponde ao PNBE, apenas nos anos de 2010, 2012 e 2014 foram distribuídas obras da categoria 3 (anos iniciais do ensino fundamental). Foram 300 obras distribuídas no total, sendo 100 por ano.

³Retirado de: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/governo-federal-seguira-sem-entregar-novos-livros-de-literatura-para-bibliotecas-escolares-em-2018.ghtml>>



Fonte: a autora.

O gráfico acima mostra um número alarmante em relação à quantidade de livros com personagens negras distribuídas em um país com maior percentual de pessoas negras do que brancas. Neste número⁴, foram consideradas obras em que a personagem negra era principal ou secundária, pois julgou-se válido qualquer tipo de aparição na ilustração.



Fonte: a autora.

Já neste gráfico apontou-se o número de autores brasileiros e estrangeiros no intuito de analisar de onde são as pessoas que escreveram estas poucas obras que contêm personagens negras. Percebeu-se que a quantidade de autores brasileiros (29) é significativamente maior do que a de estrangeiros (9), porém, das obras em que a personagem principal é negra, a maioria é dos autores estrangeiros.

⁴ Números aproximados.

Quando se fala em educação, estes números são preocupantes. Torna-se cada vez mais difícil trabalhar com a representação em sala de aula se não houver disponibilidade de obras para tal. Assim como aplicar a Lei que obriga a escola a falar de uma determinada cultura, também transforma-se em algo mais trabalhoso. Porém, há algumas outras possibilidades, já que o governo também mantém outros programas de distribuição de livros para categorias específicas.

Oficina com docentes: a escolha dos livros

Dentre todos os livros do PNBE da categoria 3 com alguma participação de personagens negras, escolheu-se três para usar na oficina com professores e para analisar no presente trabalho.

Primeiramente, escolheu-se o livro “Joãozinho e Maria”, de Cristina Agostinho e Ronaldo Simões Coelho, por fazer uma adaptação do conto ao contexto brasileiro, pois a história ocorre na Serra da Mantiqueira. O conto é o que já se conhece, mas, nesta obra, traz como personagens crianças pobres e negras que passam fome por suas condições de vida serem baixas. Além de tudo, o pai, viúvo, casou-se com outra mulher que maltratava as crianças na sua ausência. Em determinado momento, e depois de uma tentativa frustrada, ela mandou Joãozinho e Maria colherem jaboticabas em um lugar bem longe, com o intuito de que se perdessem, o que acabou realmente acontecendo. No fim da história, após derrotarem a bruxa que vivia na casa feita de doces, se deparam com seu pai pelo caminho, sendo que ele também os procurava. Os três acabam juntos, felizes e sem a madrasta.

Esta adaptação traz elementos brasileiros em sua composição, como as frutas que deveriam buscar (goiaba e jaboticaba) e o lugar em que se passa a história. Porém, a escolha por personagens negras nesta obra não é tão feliz, pois retrata o negro como o ser pobre, que desperta pena, que mora em um barraco e que é enganado.

Na contracapa do livro há algumas considerações sobre o conto de fadas clássico, através das quais pode se depreender a intenção da adaptação: “Já nas capas e ilustrações [...] entrevemos a entrada num universo que privilegia esse segmento étnico e, a partir daí, as próprias escolas que adotam estes livros integram e perpetuam essa preponderância que afeta diretamente a autoestima das crianças não brancas”. Ou seja, os autores acreditam que os clássicos europeus que só trazem crianças brancas não traduzem a cultura brasileira. Mas será que

adaptar contos de fadas com crianças negras, pobres e enganadas pode representar essa etnia? Por trazer à tona esse e outros questionamentos, essa obra foi escolhida para compor a oficina para docentes.

Também escolheu-se a obra “Lila e o segredo da chuva”, de David Conway, que conta a história de uma menina do Quênia, país da África Oriental, que tenta descobrir o segredo da chuva para ajudar a população local, que sofre com a seca. Seu avô lhe conta que, para chover, ela teria que subir na montanha mais alta e contar aos céus a coisa mais triste que ela sabia. Então ela o fez.

Este livro é interessante tendo em vista que traz apenas personagens negras, mas as traz como representantes de uma cultura africana, apenas. As ilustrações mostram como o povo que ali mora é pobre, sofre com a seca e com o calor, fazendo com que tudo ficasse mais difícil, inclusive trabalhar para gerar seu alimento. Designou-se este como um dos livros para a oficina por levantar questões culturais de um determinado lugar, assim como suas dificuldades como cidadãos daquele ambiente.

E, por fim, foi escolhida a obra “Irmã-estrela”, de Alain Mabanckou, que conta, em primeira pessoa, a história de um menino que mora em Ponta Negra, na República do Congo, e sofre pela morte prematura de sua irmã mais velha. Ele acredita que, como morava no céu, sua irmã era uma estrela. O menino passa por várias dificuldades por ser pobre e por estar aceitando o fato de sua irmã ser apenas uma estrela no céu.

A narrativa traz à história a pobreza da família, também apresentando um tio rico que, em determinado momento, faz com que o menino queira morar com ele, em sua grande mansão. As ilustrações do livro são muito bem feitas, apresentando uma comunidade só de negros. A única menção feita a pessoas brancas no texto é quando o narrador-protagonista fala que seu pai trabalhava com “os brancos” em um hotel. Optou-se por usar esta obra na oficina por trazer a questão do negro participante de uma sociedade, e que esta é constituída apenas pela população negra.

Oficina com docentes

Para que se pudesse refletir acerca da temática apresentada neste trabalho, pensou-se em ofertar uma oficina para professores dos anos iniciais de uma escola pública situada no interior do Vale do Taquari/RS. Com o contato previamente feito,

ela aconteceu no dia 09 de maio de 2018, em uma noite de reunião da escola. Durou, aproximadamente, 2 horas e 20 minutos e teve a participação de 12 profissionais da educação, dentre eles uma coordenadora pedagógica, professoras e estagiárias.

Para obter um retorno do resultado da oficina, optou-se por entregar três perguntas aos participantes antes do início e repetir o procedimento após o momento de formação. Assim, seria possível verificar as aprendizagens e as novas percepções sobre o tema depois da oficina, podendo depreender, desse modo, a contribuição da presente pesquisa na formação docente. As perguntas que foram entregues aos professores tratavam da importância e aplicabilidade da temática aqui apresentada. Foram elas: Você acha importante trabalhar com livros infantis que apresentem uma personagem negra? Por quê? Como você acha que a personagem negra é mostrada nos livros em que a escola tem acesso? Você já trabalhou ou pretende trabalhar, neste ano, com algum livro que apresente alguma personagem negra? De que forma?

Antes do começo da oficina, todos responderam “sim” na primeira questão, justificando que utilizar livros infantis com a presença de personagens negras deve ser algo “corriqueiro”, que as crianças devem aprender desde cedo a importância do respeito às diferenças, e que elas estão apenas na cor da pele. Como exemplo, uma professora respondeu que acha ser importante retratar as mais diversas personagens “porque a diversidade existe e não trabalhar isso com as crianças é uma negação da realidade”.

Na segunda questão, que indaga sobre como as personagens negras são mostradas nas obras a que a escola tem acesso, as respostas foram variadas, sendo escrito que alguns livros mostram o lado cultural, as diferenças, que a personagem negra aparece oprimida e julgada de forma diferente e até como “vítima”, pois sempre estão inseridas em situações difíceis. Vários trouxeram como exemplo a obra “Menina bonita do laço de fita”, de Ana Maria Machado.

Na terceira pergunta, a qual questiona se já se proporcionou - ou se pretende oportunizar - aos seus alunos o trabalho com uma obra que tivesse personagens negras, as participantes que são professoras responderam que já o fizeram ou que estão fazendo, pois faz parte do conteúdo do plano de estudos. Uma professora respondeu que não havia pensado nisso ainda, mas que acha o tema importante. As estagiárias ressaltaram a importância, mas disseram que não trabalharam ainda.

Quem o fez, relatou que foi por meio de contação de histórias, comparando as realidades e a cultura, e, novamente, apareceu como exemplo a obra “Menina bonita do laço de fita”.

Após a devolução das perguntas, informou-se sobre a perspectiva discutida neste trabalho, assim como seu objetivo. Por conseguinte, por meio de slides, apresentou-se um vídeo com a história “Rapunzel e o Quibungo”, adaptação de Cristina Agostinho e Ronaldo Simões Coelho. Nesta história, que traz diversos elementos brasileiros, há uma rapunzel de cabelos longos, negros e crespos, que é presa em uma torre por um monstro. Porém, um menino que ouve seu canto acaba virando seu amigo e tenta salvá-la. O que acaba acontecendo é que o monstro descobre a intenção do menino e o joga para baixo da torre, em meio aos espinhos, deixando-o cego. A menina, vingando-se, faz o mesmo com o monstro e ele, após cair, desaparece. A história acaba com a menina curando seu amigo por meio de suas lágrimas.

O vídeo em questão (<https://www.youtube.com/watch?v=FI-dwHTtZMM&t=741s>) despertou algumas interrogativas, sendo perguntado aos docentes o que acharam da história, o que a torna diferente em relação ao conto original e qual o intuito desta modificação ter sido feita.

No início, os participantes não sabiam exatamente sobre o que seria a oficina, fazendo com que as perguntas iniciais fossem tratadas de modo diferente, instigante. O vídeo inicial, em discussão após, mostrou que os docentes não gostaram de como a história foi adaptada, que não precisaria desta adaptação, melhor seria criar uma nova história com personagens negras e não transformar um conto já conhecido daquela maneira. Isso porque, para elas, a adaptação pareceu denotar particularidades pejorativas em relação ao negro, e, se o objetivo era ter um conto com personagens negras, melhor seria criar um original, que chamasse a atenção sem ser adaptado.

Em seguida, com o objetivo de dar início ao projeto, questionou-se acerca do percentual de negros no Brasil. Após, seguiu-se com a apresentação do trabalho, denotando seus objetivos e sua justificativa, além do seu aporte teórico. Posteriormente, mostrou-se os gráficos da análise realizada sobre a quantidade de livros que apresentam alguma personagem negra no montante analisado pela distribuição do PNBE (Programa Nacional Biblioteca da Escola) e ao número de autores brasileiros e estrangeiros.

Nesta parte teórica e de apresentação dos gráficos, os participantes mostraram-se surpresos acerca da porcentagem de pessoas negras no Brasil. Também houve bastante discussão acerca das cotas para negros, além dos questionamentos sobre quantos colegas negros cada um já teve na escola, graduação ou algo do tipo. As respostas seguiram pelo mesmo caminho: poucos ou nenhum.

Depois desse debate introdutório, os docentes foram divididos e separados aleatoriamente em três grupos, ao que lhes foi entregue três livros diferentes, pertencentes à escola e distribuídos pelo MEC através do PNBE, para que fizessem uma análise a respeito da representação da personagem negra.

Com o objetivo de orientar os grupos, projetou-se em slide as seguintes instruções: atentar para as ilustrações; ler a história e perceber se ela denota algo em relação à representação da personagem negra; atentar para quem era o autor e, por fim, de que modo aqueles livros poderiam ser trabalhados em sala de aula. Ao final do tempo estipulado para a atividade, cada grupo apresentou a sua obra e falou dos resultados obtidos. O intuito era promover uma discussão acerca do assunto com o objetivo de desacomodar os professores em relação às suas práticas escolares.

O momento da análise dos livros e apontamentos para uso em sala de aula foi muito interessante. Os grupos leram em conjunto a história e decidiram um determinado ano para aplicação, assim, cada um dava uma ideia de alguma atividade acerca do livro.

O grupo que analisou a obra “Irmã-estrela” pensou em atividades para 4º e 5º anos, pois o livro era maior, com mais texto. Pensaram em trabalhar com a questão da perda, fazendo atividades em que os alunos criavam sua estrela com alguém importante que perderam. As participantes perceberam que só havia negros na história e os brancos mencionados eram apresentados como ricos, especialmente quando era denotado que o pai do menino trabalhava em um hotel “de brancos”. Na parte da ilustração, uma das professoras notou que em determinada imagem o menino negro está deitado na cama com vários livros ao redor, sendo que um deles tem como título “O menino negro”, mas o único que ele está tapando com sua mão é “O pequeno príncipe”, história essa de um menino branco.

O grupo com a obra “Joãozinho e Maria” pensou em várias atividades: fazer a dramatização da história, criar um cartaz com o título “gente de todos os jeitos” feito

com recortes, uma pesquisa sobre os tipos de família e construir um gráfico e uma dinâmica com dois ovos de cores diferentes que, quando quebrados, mostrariam que as pessoas são diferentes por fora mas iguais por dentro. Quanto à análise, perceberam que, assim como no vídeo visto no início da oficina, as personagens eram negras e pobres e o conto era uma adaptação de “João e Maria”, com alguns detalhes brasileiros.

O outro grupo analisou a obra “Lila e o segredo da chuva” e propôs uma hora do conto com exploração da história, uma comparação dos ambientes físicos com a realidade dos alunos e montagem de maquete. Além disso, também propôs-se pesquisa sobre o ciclo da água e tipos de moradia, conversa sobre a influência das crenças e visualização e localização do continente no globo terrestre. Ao analisar a história do livro, perceberam que o enredo acontece em uma localidade que já passa por necessidades por causa da seca e que todas as personagens são negras. Ainda, as professoras perceberem que o livro trata de uma lenda, denotando o negro como representante de uma determinada cultura.

No final, entregou-se as três perguntas respondidas no início da oficina para que os professores as respondessem novamente, observando se, depois da atividade realizada, os argumentos seriam diferentes.

Das participantes que mudaram de opinião ao final da oficina, uma redigiu na primeira pergunta dizendo que não achava importante, pois usa obras que tenham personagens negras normalmente, ao final escreveu que acha importante trabalhar, mas de forma natural, ou seja, sem dar enfoque principal à questão da cor da pele das personagens. Na questão 2, uma pessoa acrescentou à sua resposta anterior, feita no início da oficina, que foi interessante perceber que em nenhum dos livros analisados na oficina havia brancos e negros, apenas negros. Já outra participante, que havia respondido anteriormente que a escola recebeu mais livros que dizem respeito aos negros e que são tratados de diversas formas, ao final, relatou que percebeu que em alguns livros a personagem é negra, mas a história não fala sobre o negro.

Outras duas participantes mudaram de opinião na questão de número 3. Na primeira vez em que responderam as perguntas, uma escreveu que havia trabalhado livros com participação de personagens negras, mas na questão da contribuição africana, que é obrigatória. A outra educadora redigiu, inicialmente, que não havia reparado se havia personagens negras e que se trabalhasse, não o faria

pela presença ou não de personagens negras. Após a oficina, ambas responderam que pretendem trabalhar por meio de livros com ilustrações que denotam a presença de negros, sempre pensando primeiramente em qual seria o objetivo das atividades.

O intuito desta oficina foi analisar, de modo qualitativo, a forma como os professores encaram as questões apresentadas em sala de aula e se eles atentam aos livros infantis que utilizam. Também, querer-se-ia despertar uma inquietação em relação à escolha das obras, indicando que mostrar a personagem negra como participante de uma história é de extrema relevância.

Conclusão

Tendo em vista que o objetivo principal do trabalho foi analisar a visão sobre a personagem negra na literatura infantil, verificando se há obras distribuídas pelo MEC através do PNBE que contenham personagens negras, percebeu-se resultados inquietantes.

Pensando-se em representação e representatividade da personagem negra, avaliou-se que há pouca representatividade, e ainda menos representação. Embora tenham sido analisadas obras distribuídas apenas na rede pública brasileira, viu-se que, neste aspecto, a literatura não demonstra muitos fatos ligados à realidade. Obviamente, a literatura infantil usa muito do maravilhoso, mas ela o faz com o intuito de chamar a atenção das crianças e fazer com que elas adentrem o mundo real aos poucos, apresentando possibilidades e divertimento.

O que acontece é que no plano do maravilhoso não existem negros, existem príncipes e princesas brancos e felizes que se encontram no final do arco-íris. Não há espaço para o negro no bonito e feliz, nem no divertimento. O negro não faz parte do maravilhoso.

Ver que tal coisa realmente acontece e que é financiada pelo governo traz, acima de qualquer coisa, tristeza. Tristeza em pensar que para achar alguma obra que trate da personagem negra como principal, como ser atuante de alguma boa história, é difícil. Há de se procurar. Há de se questionar.

Sente-se aflição ao lembrar que existe uma Lei há 15 anos que determina o trato da cultura africana em sala de aula, mas que não há quase nenhum aporte prático e teórico aos profissionais da educação. Além disso, há poucas obras que

tratem de modo interessante e emancipador sobre a temática. Ver isto é perceber que nada muda se as pessoas não mudarem.

Nas ilustrações pode-se notar poucas personagens negras e, quando há, a maioria é aquela pessoa sem nenhuma fala, que fica distante, só marcando presença. Diante dessa realidade, fica a questão: por que consumimos livros que negam a realidade de modo tão claro? Não é a criança que compra o livro, não é ela que faz a distribuição, ela usufrui do que lhe é dado. O fato de o racismo ainda ser uma constante pode ter início aí, em um momento que poucos esperam e poucos pensam sobre.

Os dados dos gráficos apresentados, em que se demonstra que poucas obras com personagens negras são distribuídas no Brasil, são uma pequena parte do que realmente acontece nas escolas. O que se vê, normalmente, é o trabalho com a Lei pela sua obrigatoriedade, poucos projetos são realmente efetivos em relação ao trato com a cultura africana, pois pouco se sabe sobre esta temática. O que o gráfico que trata da distribuição de livros com a presença de personagens negras apresenta é resultado disto, temos poucas obras sobre o tema e menos ainda em que o negro apareça como um ser social comum, e não somente sendo vítima.

Quanto à oficina com professores, percebeu-se como a maioria não pensa ou aplica aulas pensando sobre a questão de representação do negro. Mesmo assim, verificou-se que, se apresentados de forma significativa à temática, surgem novos olhares e questionamentos. Reflexões e tempo para conversa são essenciais para que haja uma real efetivação do planejamento que pode ser, como nos exemplos de atividades trazidos pelas professoras, interdisciplinares, interessantes e emancipatórios.

Este artigo trouxe, acima de tudo, uma contribuição para que haja uma reflexão sobre como e por que deve-se apresentar obras que tenham personagens negras em sua história e que diferença real isto fará. As crianças são pequenos seres humanos em formação e elas são o caminho para que aquele passado odioso seja deixado como lembrança e que o presente se modifique constantemente para melhor.

REFERÊNCIAS

BROOKSHAW, David. **Raça & cor na literatura brasileira**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

CARDOSO, Rosane. **A criança que se lê, o mundo que se percebe, o sonho que se constrói: possibilidades da inclusão étnico-racial**. OLIVEIRA, A. et al. **Deslocamentos críticos**. São Paulo: Laboratório Online de Crítica Literária/Núcleo de Audiovisual e Literatura/Itaú Cultural/Babel, 2011.

CONWAY, David. **Lila e o segredo da chuva**. São Paulo: Biruta, 2010.

DEBUS, Eliane. **A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens**. São Paulo: Cortez: Centro de Ciências da Educação, 2017.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

MABANCKOU, Alain. **Irmã-estrela**. - 1.ed. - Curitiba: Editora Champagnat - PUC-PR, 2013.

SIMÕES, Ronaldo Coelho; AGOSTINHO, Cristina. **Joãozinho e Maria**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

APÊNDICE

Perguntas utilizadas na oficina com docentes:

1 - Você acha importante trabalhar com livros infantis que apresentem uma personagem negra? Por quê?

2 - Como você acha que a personagem negra é mostrada nos livros em que a escola tem acesso?

3 - Você já trabalhou ou pretende trabalhar, neste ano, com algum livro que apresente alguma personagem negra? De que forma?